



Mapeamento do Terreno Humano:

O Crítico Primeiro Passo Para Vencer a Luta da Contra-Insurgência

Tenente-Coronel Jack Marr; Major John Cushing; Major Brandon Garner; e Capitão Richard Thompson, do Exército dos EUA.

DE ACORDO COM a atual doutrina militar dos EUA, o caminho para a vitória numa contra-insurgência encontra-se ligado ao relacionamento com a população nativa. As experiências no Iraque e no Afeganistão, onde o povo é o centro de gravidade, levaram a este conceito doutrinário. Entretanto antes que o contra-insurgente possa ganhar os corações e mentes do povo, ele necessita tomar os passos necessários para realmente conhecê-los e entendê-los.

As forças militares dos EUA claramente não estavam sintonizadas com esta realidade no princípio da Operação *Iraqi Freedom* (OIF). Hoje, contudo, a maior parte dos soldados com diversas turnês no teatro-de-operações compreende que as forças dos EUA precisam considerar à população como prioridade em tudo o que fazem operacionalmente. Eles descobriram que qualquer tentativa de separar os insurgentes da população precisa ser coordenada com esforços efetivos para ganhar o apoio daquela população. Os soldados sabem que para ter sucesso em ganhar o apoio, eles precisam entender intimamente o lado humano iraquiano: somente um conhecimento profundo pode apontar para as condições que são essenciais para o sucesso. Desta forma, a pergunta importante não é mais “por que” ou “se” soldados operando num ambiente de contra-insurgência deveriam procurar conhecimento detalhado da população; “como” eles obtêm o conhecimento é o assunto crítico. Em outras palavras, como pode uma unidade tática receber e processar mais adequadamente as informações necessárias para influenciar a população de forma efetiva na sua área de operações. Usando a experiência prática adquirida durante OIF V, a Força-Tarefa *Dragon* (liderada pelo 1º Batalhão do 15º Regimento de Infantaria da Brigada de Combate Blindada da 3ª Divisão da Infantaria) pode responder a essa pergunta.

Um Inimigo Interno

Como muitos veteranos e estudantes das guerras atuais reconhecem, insurgentes possuem superioridade com seu melhor conhecimento dos costumes e da política local, sua capacidade de falar o idioma, sua liberdade

FOTO: Capitão Brian Jennings, comandante da Companhia C/ 1º Batalhão/ 15º Regimento de Infantaria, falando com o xeque da Vila Vin Jan, Iraque, agosto de 2007.

Exército dos EUA, 1º Tenente Aaron Wilkerson

O Tenente-Coronel Jack Marr, Exército dos EUA, é o comandante do 1º Batalhão/15º Regimento de Infantaria/Brigada de Combate Blindada/3ª Divisão da Infantaria, atualmente desdobrada como parte da Multi-national Division Center (Força-Tarefa Marne). Ele possui o título de Bacharel pela Universidade de Minnesota e o de Mestrado pela Universidade de St Mary. Serviu em várias funções de comando e estado-maior em unidades leves, mecanizadas e de infantaria aeroterrestre no território continental dos Estados Unidos, Afeganistão e Iraque.

O Major John Cushing, Exército dos EUA, atualmente é o oficial de Operações do 1º Batalhão do 15º Regimento de Infantaria. Ele possui o título de Bacharel pela Academia Militar dos Estados Unidos e o de Mestrado pela Universidade de Virgínia. Suas missões anteriores incluem uma variedade de funções de comando e estado-maior na 1ª Divisão de Cavalaria e na 3ª Divisão de Infantaria.

O Major M. Brandon Garner, Exército dos EUA, é o oficial adjunto de Operações do 1º Batalhão do 15º Regimento de Infantaria. Ele possui o título de Bacharel em história pela Universidade de Texas em San Antonio. Suas missões anteriores incluem funções de comando e estado-maior no Iraque, Coreia e no território continental dos Estados Unidos. Antes de assumir a função de adjunto de Operações serviu como comandante da Companhia C/1º Batalhão/15º Regimento de Infantaria, durante a Operação Iraqui Freedom III e V.

O Capitão Richard E. Thompson, Exército dos EUA, é o comandante da Companhia B/1º Batalhão/15º Regimento de Infantaria. Ele possui o título de Bacharel pela Universidade Troy. Nas suas missões anteriores ele serviu como comandante do pelotão de fuzileiros no 1º Batalhão do 15º Regimento de Infantaria, durante a Operação Iraqui Freedom I e, quando praça, como líder de grupo de combate e sargento de pelotão no 3º Batalhão de Rangers (Comandos) no Forte Benning, Geórgia.

de movimento dentro da sociedade e sua maior compreensão dos interesses da população. Além disso, como sempre é o caso em guerras de ocupação estrangeira, o inimigo insurgente nesta guerra não usa uniforme e pode facilmente se misturar com a população.

Enquanto se preparava para a sua corrente turnê de combate, a Força-Tarefa *Dragon* observou intensivamente as unidades que estavam obtendo sucesso no Iraque para compreender como enfrentar as dificuldades de uma contra-insurgência. Na maioria dos casos, as unidades que pareciam que estavam vencendo a luta tinham feito significativo progresso com os líderes locais, tinham encontrado formas proativas de entender e respeitar as normas da cultura local e tinham identificado as específicas necessidades da comunidade. Embora a força-tarefa tenha entendido e reconhecido essa lição bem cedo, quando de fato chegou em sua área de operações (A Op), os soldados descobriram que poucos dados etnográficos necessários tinham sido coletados para executar essas operações efetivamente.

As informações disponíveis eram esparsas e espalhadas pelos arquivos rotineiros de quase todos os membros integrantes das seções. Também, a informação era antiquada: não tinha havido uma presença consistente da coalizão naquela área por quase dois anos e quando o pessoal tentou verificar as poucas informações que tinham recebido, freqüentemente observou que personalidades-chave tinham se mudado da área ou que as opiniões locais e lealdades tinham mudado. A força-tarefa determinou rapidamente que o primeiro passo de sua luta de contra-insurgência seria adquirir um conhecimento de sua área de operações no campo humano.

Quando a Força-Tarefa *Dragon* se desdobrou para o Iraque em meados de 2007, herdou uma área densamente habitada (400.000 pessoas) no sudeste de Bagdá. A área de operações estava volátil, em parte porque ficava no meio de uma zona sunita-xiita. A maioria dos sunitas vivia às margens do Rio Tigre, no limite oeste da força-tarefa. As tribos xiitas residiam no norte (perto de Bagdá) e ao longo do limite leste, balizado pela rodovia Bagdá-Al Kut.

A necessidade de novas informações etnográficas para a sua área de operações era imprescindível para a força-tarefa. Dessa forma, toda a unidade começou a se concentrar na coleta e comparação daquelas informações sociais. Na realidade, a força-tarefa trabalhou no processo de coleta de dados que a equipe chamou de “mapeamento do terreno humano” ou MTH.

O desenvolvimento do processo MTH correspondeu à criação de um recurso para o entendimento das condições sociais. Conforme coletou e catalogou as informações pertinentes, a força-tarefa ajustou seu plano para capturar um amplo espectro de detalhes. Um importante aspecto do processo envolveu a colocação das informações num tipo de arquivo que todos os soldados pudessem monitorar e compreender. Uma vez que a formatação e a informação da linha de base estavam prontas, a Força-Tarefa *Dragon* empregou as capacidades de conhecimento da situação compartilhada do sistema de computação do Posto de Comando do Futuro (PCF). Um PCF foi destinado a cada companhia para divulgar os resultados de seu mapeamento num banco de dados comum, uma matriz que incluía informações sobre limites religiosos, principais estruturas econômicas, mesquitas e personalidades importantes como os xeques.

Ao longo do tempo, a equipe mapeou os limites de cada tribo e a constituição demográfica de cada vila, área urbana e cidade na qual o inimigo poderia possivelmente procurar refúgio. Então continuou adicionando informações sobre personalidades que eram conhecidas pelo fornecimento de apoio aos insurgentes e das necessidades e desejos das populações específicas. O mapeamento dessas informações políticas, econômicas e sociais criou uma representação comum do elemento humano local que capacitou mais iniciativas proativas e respostas mais rápidas e efetivas aos eventos. Por exemplo, conforme os incidentes ocorreram em áreas específicas, o mapa comum permitiu a todas as companhias plotar a localização do incidente e, em seguida, identificar os respectivos xeques para contatos de inteligência ou respostas para perguntas críticas.

O mapeamento do elemento humano permitiu à Força-Tarefa *Dragon* entender a população e demonstrar seu compromisso de melhorar as condições das comunidades locais. Levantando-se o que o povo possuía como prioridade de suas necessidades, a força-tarefa se tornava mais apta a cultivar relações de significativa confiança com os líderes das comunidades. Por outro lado, essas relações levaram à construção de um eficaz banco de dados biométricos de homens dentro da idade de serviço militar. Essa informação resultou

numa inteligência melhorada e efetiva sobre as atividades insurgentes, aprimorando sensivelmente a segurança na área.

Esses resultados positivos validaram as medidas prescritas no Manual de Campanha (*Field Manual-FM*) 3-24, *Contra-insurgência*, para “determinar quem mora numa área e o que eles fazem.” Em termos figurativos, o mapa do elemento humano se tornou um esboço de quem os jogadores eram no jogo atual. Dessa forma, o comandante da força-tarefa concluiu que o desenvolvimento de um mapa da população local era crucial para simultaneamente expulsar o inimigo e cravar uma cunha entre os insurgentes e a população.

Definindo o Mapeamento Tático do Terreno Humano

A Força-Tarefa *Dragon* executou o seu esforço de coletar informações por meio de um sistemático contato pessoa a pessoa. A equipe planejou patrulhas descentralizadas no nível pelotão conduzidas durante à luz do dia e procurou responder a específicas perguntas sobre a população. Esses específicos “requisitos de informação” (RI) sobre cada distinta vila e cidade incluía:

- os limites de cada área tribal (com especial atenção onde eram seus limites ou onde se sobrepunham);
- informações sobre local e contatos de cada xeque ou *mukhtar* nas vilas ou qualquer outra pessoa importante como oficiais do governo, Forças de Segurança do Iraque, etc;
 - localização de mesquitas, escolas e mercados;
 - identificação dos hábitos diários da população tais como: horas que acordam, dormem, fazem compras, etc;
 - localização dos postos de controle mais próximos das Forças de Segurança Iraquianas, etc;
 - força econômica impulsora, ou seja, ocupação e meio de sustento da população local;
 - movimento da população, ou seja, entrada e saída de pessoas na área de operações.



- presença e atividade insurgente;
- acesso a serviços essenciais como postos de combustível, água, serviços de emergência, bombeiros, etc; e
- preocupações e assuntos particulares com a população local.

Para evitar se tornar um alvo fácil, as companhias planejaram suas patrulhas de mapeamento de terreno para serem “sistematicamente imprevisíveis.” Dessa forma, todas as áreas poderiam ser abrangidas sem telegrafar aos insurgentes quais as seguintes áreas que poderiam ser visitadas. Por exemplo, a Companhia Baker da FT *Dragon* usou como eixo principal de sua área de operações a estrada que passava entre Jisr Diyala e Salman Pak, perto de Bagdá, mantendo as vilas do lado leste e oeste da estrada. Cada dia as patrulhas mudavam o lado da estrada ou se moviam ao norte ou ao sul das vilas que tinham visitado anteriormente. Depois de dois dias de patrulha, tiraram um dia de descanso, atrapalhando ainda mais qualquer padrão que tenham formado de forma não intencional.

As patrulhas foram organizadas com objetivos e propósitos específicos para cada sub-elemento. As três maiores tarefas eram segurança, coleta de informações e o estabelecimento de relacionamentos. Como a composição da maioria das patrulhas foi priorizada em tropas de infantaria mecanizada ou em pelotão de carros de combate, alguns acréscimos eram necessários. Geralmente, o comandante da companhia estava presente na

O mapeamento do terreno humano facilitou o processo das forças da coalizão em conhecer a liderança das diversas tribos, vilas e cidades...

patrulha para obter de primeira mão uma idéia de sua A Op. O oficial de apoio de fogo (O Ap F), atuando como oficial de inteligência da companhia, acompanhava o comandante em cada patrulha. Isso capacitava o time a construir uma estrutura para lidar com as três tarefas críticas. O comandante se concentrava em construir relações com indivíduos-chave, o seu O Ap F (destacado

como integrante do pelotão) procurava respostas para os RI e o líder do pelotão da patrulha se concentrava na segurança.

Complementando as três tarefas dos sub-elementos, todos os integrantes da patrulha ajudavam na comunicação das mensagens de operações de informações (Op Info). Essas mensagens normalmente envolviam o programa de recompensa (dinheiro por informação sobre atividades extremistas), exemplos de medidas positivas tomadas pelo governo local e pelas Forças de Segurança do Iraque, e os benefícios em cooperar com a coalizão. Quando possível, as mensagens tomavam a forma de panfletos ou notas de uma página distribuída aos cidadãos locais. Notas preparadas previamente e o conhecimento das mensagens atuais eram consideradas parte do equipamento essencial das Op Info da Força-Tarefa *Dragon*. Elas eram responsabilidade de cada soldado na patrulha.

Uma típica patrulha de MTH requeria que o pelotão se movimentasse taticamente e estabelecesse um cordão de isolamento em torno da área a ser mapeada. Conforme o perímetro estava sendo estabelecido, o comandante e O Ap F se dirigiam ao provável centro da cidade e começavam a falar com os residentes para determinar onde o xeque ou líder da vila morava. Um dos pedidos específicos do comandante ao xeque ou líder da vila era a sua permissão para registrar os homens dessa área no sistema de dados biométricos (com o uso de equipamento portátil de detecção de identidade de interagência, *HIIDE* – na sigla em inglês). Dependendo da reação a esse pedido, o pelotão poderia estabelecer uma local central e começar o processo. Se o xeque ou ancião rejeitasse, a unidade assinalaria a vila para uma visita de retorno quando eles poderiam retornar ao assunto. Contudo, na maioria das vezes os líderes locais não tinham objeções aos pedidos e consideravam o censo biométrico como uma oportunidade de mostrar sua inocência e o desejo de cooperar com as forças da coalizão.

Enquanto o comandante se encontrava com esses indivíduos e os soldados realizavam o censo, o O Ap F e outros elementos acrescidos ao pelotão falavam com o maior número possível de homens na faixa etária de serviço militar para obter respostas ao RI. Outros soldados falavam com o maior número de pessoas possíveis para



Exército dos EUA, 1º Tenente Matthew Barwick

Capitão Rich Thompson, comandante da Companhia Baker/ 1º Batalhão/ 15º Regimento de Infantaria, falando com o líder local e seu intérprete em Al Ja`ara, Iraque, agosto 2007.

dissimular as mensagens diárias de Op Info. Em média, essas patrulhas levaram de duas a quatro horas para completar a tarefa.

Freqüentemente, as patrulhas eram reforçadas com equipes de assuntos civis (Ass Civ), equipes de coleta de inteligência humana (CIH), operações psicológicas (Op Psico) ou pessoal médico adicional. Esses militares possuíam habilidades específicas para ajudar nas patrulhas e a FT usava essas capacidades para realçar a importância recebida da unidade tática. Por exemplo, o enfermeiro da unidade tratando um civil com um problema agudo, especialmente uma criança, mostrava evidência direta da boa vontade da força-tarefa e dos benefícios tangíveis da cooperação com a coalizão. O acréscimo de uma equipe especial também aumentava o número total de contatos na vila, possibilitando a aquisição de mais dados de RI. Adicionalmente, isso criou oportunidades para as “equipes de vila” da Força-Tarefa *Dragon* (combinando elementos Ass Civ, CIH e Op Psico)

para patrulhar e considerar os tipos de efeitos que poderiam planejar em futuras visitas.

Especial cuidado e planejamento eram executados para assegurar que as equipes de apoio não interromperiam ou interfeririam no relacionamento entre a companhia e a população que estava sendo mapeada. A Força-Tarefa *Dragon* enfatizava a superioridade do comandante da companhia responsável como o principal ponto de contato para cada um dos líderes de cada vila. A força-tarefa queria evitar qualquer confusão na parte da liderança local sobre quem tomaria as decisões sobre projetos ou apoio futuro. Essa clareza era especificamente crítica quando se lidava com equipes de Ass Civ, as quais o povo muitas vezes via como “os homens com o dinheiro.” Por meio de esforço deliberado, a força-tarefa tornou claro que essas equipes apoiavam o comandante da companhia, e não ao contrário.

Depois de cada patrulha, o pelotão responsável preparava uma análise detalhada da área mapeada,

estabelecendo vínculos com outras vilas no que diz respeito a seitas, tribos e áreas. O resultado era uma compilação de dados semelhantes a um censo combinado pelo quadro da força-tarefa (principalmente pela segunda seção, pela célula de Op Info, o oficial de inteligência e o oficial de Ass Civ). Essa compilação ajudava o quadro a desenvolver e refinar ambas suas metas, as letais e não letais. Isso também produzia uma descrição gráfica de onde as linhas sectárias problemáticas estavam localizadas, permitindo a força-tarefa concentrar seus esforços iniciais de segurança rapidamente para que todas as linhas de operações lógicas pudessem começar o mais cedo possível.

A Força-Tarefa *Dragon* usou essa postura repetidamente para desenvolver o seu mapa do campo humano. Equilibrando-se com outras missões táticas, o processo geral levou aproximadamente dois meses e meio. Conseqüentemente, as informações que contribuíram com mapa geral também foram catalogadas para missões ofensivas.

Durante incursões com o propósito de coleta de inteligência, aprisionamento, busca e ataques, a Força-Tarefa *Dragon* usou os mesmos RI em patrulhas de MTH. Também, todos os homens na faixa etária para o serviço militar foram identificados e registrados no sistema de dados biométricos HIIDES, o que ajudou a força-tarefa a montar uma representação dos grupos extremistas que estavam operando na A Op *Dragon*. O E-2 simplesmente verificava os nomes dos indivíduos levados em custódia comparando seus nomes com o banco de dados que tinha sido organizado durante as missões de mapeamento anteriores, e se algum tivesse estado na A Op de outra unidade anteriormente, ele se tornava um suspeito; a força-tarefa então investigaria por que ele estava se mudando de uma área para outra. Esse sistema de referência remissiva capacitava o E-2 a começar a associar indivíduos identificados dessa forma com uma possível célula extremista que vivia em uma parte da A Op *Dragon*, mas conduzia missões em



Exército do EUA, 1º Tenente Matthew Barwick

Sargento Cecil Ray, Companhia B/ 1º Batalhão/15º Regimento de Infantaria, obtém dados biométricos ao processar um residente da área de Al Ja'ara no sistema HIIDES, agosto 2007.

outra. Normalmente, isso permitia a força-tarefa a criar um diagrama de associações de possíveis atividades extremistas.

MTH – Um Processo Necessário

Embora o valor do mapa em si mesmo seja óbvio, em retrospecto, o processo físico de preparar o mapa poderia ter sido até mesmo mais benéfico. Se informações desse tipo fossem disponíveis inicialmente (num banco de dados, por exemplo), a força-tarefa poderia ter aceitado um sentido abstrato e talvez falso, do ambiente. Teria feito isso ao mesmo tempo que se privaria do conhecimento pessoal que poderia ter sido ganho com a construção do mapa. À guisa de analogia, tendo já um banco de dados acessível seria como aprender a solucionar problemas matemáticos com uma calculadora ao invés da forma mais difícil, usando o raciocínio. Ao executar o MTH, o batalhão aprendeu como alinhar dados etnográficos da forma mais difícil, um método que provia benefícios máximos por meio da análise direta dentro de uma situação particular em níveis mais profundos. Dessa perspectiva, as vantagens de soldados fazerem o MTH por si mesmos são numerosas. Além de ganharem um maior conhecimento da A Op, alguns dos benefícios mais destacados são:

- MTH proporcionou um modo prático para arquivar dados de inteligência humana. O mapeamento do terreno humano facilitou o processo das forças da coalizão de conhecer a liderança das diversas tribos, vilas e cidades de uma particular A Op. Depois de ganhar o respeito e a confiança dos xeques e anciãos das vilas por meio de contato pessoal, os soldados descobriram que os iraquianos estavam mais interessados em fornecer dados de inteligência. Como as unidades se deslocaram pelas várias vilas e cidades da A Op *Dragon*, freqüentemente encontraram cidadãos locais que tinham ficado temerosos em ligar para o “linha direta de denúncias da força-tarefa” ou ir a postos avançados de combate, mas estavam dispostos de prestar informações se engajados num contato de nível pessoal.

- Quando possível, a força-tarefa tentou integrar suas equipes de coleta de inteligência humana em patrulhas de MTH, as quais proporcionavam excelentes oportunidades de fazer contatos iniciais de inteligência e desenvolver novas fontes. Essa

prática também produziu um melhor conhecimento dos cidadãos locais e uma capacidade de referência remissiva pronta para o uso, melhorando a capacidade da força-tarefa em determinar a confiança e motivação dos informantes.

- O MTH colocou uma face humana e pessoal nos contatos com os habitantes locais, auxiliando o esforço da força-tarefa de contar com o apoio da

O mapeamento de informações políticas, econômicas e sociais criou uma representação comum do terreno humano que capacitou mais iniciativas proativas e respostas mais rápidas e efetivas aos eventos.

população contra os insurgentes. Uma companhia usou um interprete para ajudar a conhecer os residentes da região. Outra executou patrulhas de operações de MTH juntamente com os policiais iraquianos locais e residentes interessados. Como um comandante de companhia disse: “Eu creio que era vital como primeira impressão para os habitantes de nossa A Op que nos vissem caminhando entre eles, batendo em portas, apertando suas mãos e fazendo perguntas específicas sobre suas famílias e tribos. Eu sinto que isso colocou uma face humana na nossa companhia e abriu a porta para muitos diálogos iniciais que agora estamos explorando com grande sucesso.”

- O MTH era imprescindível na criação de comunicações confiáveis. A lição número um do Manual de Contra-Insurgência da 3ª Divisão de Infantaria declara: “É tudo sobre o povo.” Construir redes de comunicações confiáveis significa construir relações pessoais entre os líderes táticos da coalizão e os líderes da população que eles defendem. Uma vez que esses relacionamentos são construídos, as unidades da força-tarefa serão mais capazes de distribuir e avaliar os efeitos das mensagens das Op Info e dos produtos das Op Psico, determinar melhor se os governos locais estão falando com seus eleitorados, e — quando necessário — devem

estar capacitadas a reduzir a intranquilidade entre a população por meio de um processo de administração das conseqüências.

- O patrulhamento requerido para mapear o terreno humano era vital ao tom inicial dado pela Força-Tarefa *Dragon*, pois colocou soldados da coalizão nas ruas imediatamente, enviando um sinal claro aos insurgentes e ao povo de quem estava no comando. Se o inimigo testasse o poder de força dos EUA, soldados estariam fora de seus veículos com o cano de suas armas apontando em todas as direções, preparados para manobrar imediatamente. Os soldados executavam cada patrulha de MTH como se o inimigo estivesse os observando e avaliando. Dessa forma, as forças dos EUA simultaneamente trouxeram os residentes nativos para mais perto e dissuadiram seus contatos com o inimigo.

- O MTH proporcionou oportunidades inesperadas de demonstrar a nossa resolução à população. Enquanto as companhias da força-tarefa se ocupavam em conhecer os líderes locais e visitá-los em suas vilas, freqüentemente conduziam rápidas incursões contra traficantes de armas e células de colocação de explosivos improvisados denunciados pelos residentes. Essas incursões mostravam aos residentes que os soldados da força-tarefa eram dedicados em tornar a vila mais segura. Além disso, eles provavam aos líderes locais que quando eles passassem informações importantes aos soldados, esses militares realizariam uma ação.

- O MTH proporcionou discernimento no nível terrestre de política, motivações e diferenças locais — e isso serviu como um ponto de partida para reconciliar sunitas com xiitas. A compreensão das diferenças entre as áreas das duas seitas foi fácil; encontrar o vínculo para a reconciliação não foi. Contudo, uma vez que a unidade se reuniu e fez amizade com os líderes de ambas as áreas, eles tinham algo em comum: uma parceria com as forças da coalizão. Numa área particular, famílias xiitas e sunitas viviam juntas com diferentes xeques liderando cada seita. Infelizmente, esses xeques não estavam ansiosos para trabalhar um com o outro e reconciliar suas diferenças. Para aumentar os problemas da área, a Al Qaeda no Iraque muitas vezes atacou ambos os grupos para poder manter a sua posição. Depois de trabalhar com numerosas patrulhas de MTH nessa área, o comandante da companhia local ganhou a confiança de ambos grupos, sunitas e xiitas. Isso o capacitou

a mediar discussões entre os dois xeques baseado nas metas comuns de segurança e desenvolvimento econômico.

- Nada pode substituir o reconhecimento pessoal em importância. Esse é um princípio que tem existido na doutrina do Exército dos EUA há décadas. Embora os registros nos bancos de dados biométricos incluam endereços e nomes de ruas, essas informações são muitas vezes difíceis de incluir em mapas. Além disso, algumas pessoas podem se referir a áreas locais com nomes diferentes. Muitas estradas em áreas rurais são de difícil acesso; a execução de reconhecimentos durante as operações de MTH pode ajudar a unidade resolver isso.

Conforme o Exército dos EUA continua a examinar os aspectos de mapeamento humano na guerra de contra-insurgência, soldados da Força-Tarefa *Dragon* oferecem a seguinte lição baseada em suas próprias experiências: não confiem somente numa solução informatizada e mecanizada ao MTH ou na criação de uma seção exclusiva com um quadro especial para prover uma percepção do terreno humano. Pelo que a Força-Tarefa *Dragon* aprendeu, inicialmente, a unidade se beneficiaria mais obtendo essa informação por si mesma ou caso receba essa informação de uma unidade anterior deve desenvolver um processo que a reavalie continuamente.

Sumário

A contra-insurgência é provavelmente a forma de guerra mais difícil porque forças profissionais militares fora de suas zonas de conforto e dentro do complexo âmbito de interação com seres humanos, algumas vezes de uma maneira sutil. Ao desenvolver um mapa do terreno humano, uma unidade pode adquirir uma maior sensibilidade e um conhecimento profundo de sua A Op, permitindo otimizar o complexo relacionamento humano que faz a contra-insurgência ter sucesso ou falhar. Contudo a integridade de um mapa do terreno humano não jaz somente em “tê-lo”; o “fazê-lo” talvez produza ainda mais dividendos. Construir um necessário relacionamento humano com a população que você defende não é difícil—porém requer tempo e esforço. Em resumo, as experiências da Força-Tarefa *Dragon* demonstraram que fazer um mapa do terreno humano constitui-se em tempo e energia bem empregados.**MR**